

Entre imagens, práticas e reconstrução de significados urbanos: O caso da Praça Mauá-RJ

LIMA, Marília C, UFRJ¹

Resumo

Este artigo investiga a dimensão do imaginário em distritos culturais (SELDIN, 2017, p.66; ZUKIN, 2000) na contemporaneidade, tendo como objetivo expor contrastes entre dimensões de imagens projetadas e práticas do espaço na Praça Mauá-RJ. Para tal fim, tomou-se como base as discussões sobre turismo cultural, capitais de cultura e cidades criativas (SELDIN, 2016; ZUKIN, 2000); E utilizou-se como método pesquisas documentais no acervo do Iphan RJ e em reportagens online, para montar um panorama da construção da imagem do lugar através do tempo, além de observações *in loco* através do método *etnotopográfico*² desenvolvido no LASC-UFRJ como forma de mapear os usos e apropriações do território na praça.

Palavras-chave: Imagem; Práticas urbanas; Memória; Turismo Cultural;

Between images, practices and remodeling of urban meanings: The case of Praça Mauá-RJ

Abstract

This article investigate the dimension of imaginary in cultural districts in contemporaneity, having as main objective exposing contrasts between projected images dimensions and practices of spaces in Praça Mauá-RJ. For such finality, the discussions over cultural tourism, cultural capitals and creative districts were taken as a basis. As a method we made researches in the documental archive of Iphan-RJ and online journals for creating a panorama of the image of the place along the time. Also, were made local observations through the etnotopografic method, developed in LASC-UFJ as a way to mapping uses and territorial appropriations in the square.

Keywords: Image, Urban practices, Memory, Cultural tourism.

1 O caso da Praça Mauá e o consumo turístico de cidades na contemporaneidade

Temos como objetivo neste artigo investigar os significados e usos da Praça Mauá no Rio de Janeiro, no presente momento e ao longo de sua existência para melhor compreender possíveis impactos causados pela inserção de equipamentos com alta

¹ Mestranda em arquitetura no Programa de pós graduação em arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro

² A etnotopografia pode ser sintetizada como uma etnografia registrada através do espaço, por meio de cartografias, mapas, e desenhos etnográficos. Para mais informações sobre esse método, consultar Duarte (2013).

rotatividade turística no lugar. Esse recorte foi escolhido por pertencer a um dos mais relevantes projetos de revitalização urbana dos últimos anos no Brasil (o projeto porto maravilha), ligado aos megaeventos da copa do mundo de 2014 e das olimpíadas de 2016. O porto da cidade era uma zona considerada em degradação, com um tecido histórico cortado por viadutos e portanto apresentando uma justificativa ou condição apropriada para receber uma “revitalização” focada em reconstruir uma imagem de lugar a ser apresentada ao mundo especialmente durante os eventos já citados.

Esse tipo de reforma tem sido recorrente globalmente, em especial quando associada a megaeventos, mas também ligada a uma indústria turística em tendência de crescimento. Alguns padrões são perceptíveis nesse contexto de reformas urbanas, dentre os quais sua associação ao intento de criar capitais de cultura, e a utilização de equipamentos culturais como museus para atração de visitantes capazes de fazer girar a economia local.

Dentro da área do projeto porto maravilha, destacamos a Praça Mauá por ser um dos pontos nodais da reforma e ter concentrado grande parte dos investimentos, com a construção do Museu do amanhã e do Museu de Arte do Rio, em uma estratégia análoga à de criação de uma zona ou distrito cultural (SELDIN, 2016, p.48) como formas deliberadas de gerar uma atratividade que de fato vem se cumprindo, visto por exemplo que o museu do amanhã foi o que mais atraiu visitantes no Brasil no ano de 2016 (FOLHA ONLINE, 2017).

Entretanto, a operação porto maravilha foi controversa por desviar recursos destinados à reformas na favela do Morro do Pinto, além de ser uma parceria público-privada com 3 empreiteiras citadas como corruptas na mais importante operação fiscal do país (ESTADÃO, 2017), e de 75% de toda a verba pública para a reforma do porto ter sido investida apenas no museu do amanhã e no Museu de Arte do Rio. O desvio de recursos a estes dois focos é mais uma prova da intencionalidade de seguir o “efeito Bilbao”, a fórmula de gestão difundida mundialmente para a competitividade de cidades através da reformulação de suas imagens com a construção de ícones arquitetônicos-culturais. (ARANTES, 2008; CARVALHO E DO AMARAL, 2012;)

Essa relevância da imagem das cidades é tema de amplas discussões dentro do campo do turismo, devido ao atrelamento do consumo dos destinos turísticos à veiculação de imagens nas mídias e redes sociais na contemporaneidade. A OMT (organização mundial do turismo) identifica a veiculação de imagem dos lugares como número 1 em um ranking de 5 estratégias de marketing de destinos (OMT, 2001), e já existe um campo de atuação bem estabelecido em gerenciamento de imagens de destinos turísticos, pois considera-se que uma boa construção de imagem turística dos lugares é essencial para a atratividade dos públicos (LEAL, 2002; DAS CHAGAS, 2008).

O contexto desses fenômenos é um processo de diluição de fronteiras entre o real e a imagem, apontado por Baudrillard (1995) como uma das características da modernidade, fruto do encurtamento relativo do espaço-tempo pelas novas tecnologias de comunicação, tendo como consequência fluidez e deslocamento rápido e constante de identidades (PINHEIRO E DUARTE, 2008; SENNET, 2012), além da estetização do cotidiano e das indústrias (LIPOVETSKY E SERROY, 2012; FEATHERSTONE, 1998). Por estetização do cotidiano e das indústrias entende-se que os grandes fetiches de consumo não está mais centrado na posse de objetos e sim cada vez mais em torno de serviços e experiências, além de se conferir uma importância às indústrias do

design, da publicidade, tendo a arte como agregador de valor nos produtos. Um outro valor que adquire importância é o valor signo (BAUDRILLARD, 1993), dado ao objeto por aquilo que ele é capaz de representar. Ou seja, o valor de imagem dos objetos é levado em consideração nos processos de compra e venda, e isto também se aplica às cidades no sentido de que a veiculação de suas imagens, ou de uma representação idealizada é capaz de alimentar o capital turístico. E essa veiculação ganha mais força com a virtualidade e os novos meios de comunicação, que operam “infinitas aberturas de sentido para a cidade, a partir das suas próprias imagens ou imagens de outras cidades, representadas no espelho da mídia” (DUARTE, 2006, p. 107).

A dimensão do virtual/imaginário pode então ser compreendida como dimensão real - ou real abstrata (SANTOS, 2008, p. 135) – que mesmo em sua virtualidade é capaz de influenciar e reger trocas monetárias. Se ela é composta pelo imaterial (projeções-desejos e memórias), é em meio a estes fatores que surgem fenômenos de relevância das imagens de futuro (projeções e desejos) e imagens de passado (memória), através da voracidade da cultura museal (HUYSSSEN, 2003, p.1), e da obsessiva automusealização através da câmera de vídeo (HUYSSSEN, 2004, p. 14) levando a uma sociedade arquivista como nenhuma outra na história. (NORA, 1984), talvez pela simples capacidade de gerar esses arquivos, talvez pelo fascínio que despertam e pela consciência da efemeridade em uma sociedade tão multipla, global e veloz.

Como consequência destes fatores, muitas das memórias comercializadas são memórias imaginadas e portanto, mais facilmente esquecidas do que as memórias vividas (HUYSSSEN, 2004, p.18). O surgimento de lugares dedicados às memórias imaginadas, que Nora (1984) chama de lugares de memória (como os museus-ícone na contemporaneidade), são compreendidos como forma de compensar a perda dos meios de memória do mesmo modo que a musealização pode ser compreendida como fator de compensação da perda das tradições vividas (HUYSSSEN, 2004, p.29).

Essa perda ocorre na medida em que se ampliam as escalas de interação social, e quanto maiores os grupos e possibilidades de comunicação mais se fazem necessárias as representações, em vez da observação direta ou do engajamento na ação dos fatos, como formas de transmitir significados.

1.1A Praça Mauá hoje: Aproximações e afastamentos dos padrões de produção de distritos culturais.

A expectativa inicial em relação ao recorte estudado (Praça Mauá) era justamente de encontrar expressas estas tendências de perda dos meios memoriais e relevância dessa cenografia urbana simbólica em apropriações e usos ligados à indústria do turismo. Porém, embora atualmente a atividade turística seja responsável por boa parte da movimentação e da ambiência do lugar, foi notável durante as observações a presença de usos outros, não ligados ao museu, mas à baía de Guanabara, e à “vocaçãõ” e formação histórica da região como zona portuária, lugar de interação com a água, que em determinadas atividades observadas como a pesca e o mergulho ultrapassam a dimensão contemplativa, visual, atingindo um engajamento corporal, sendo este usualmente praticado por corpos negros³.

Essas práticas subliminares expressam a criação de memórias-vivenciadas, através da ação, e atestam ser meios de memória (viva) em território reconfigurado para ser lugar de memória (imaginada). Por (r)existirem, parecem ser elos com uma história anterior do lugar, e fazem questionar que aspectos do novo projeto possibilitam que ainda haja esses tipos de apropriação, ou mesmo se somente podem ser observadas porque o processo de substituição da população, que usualmente ocorre em áreas com reformas desta natureza, ainda não se concretizou totalmente.

De todo modo, a justificativa para tais apropriações não reside na forma construída do projeto, pois é perceptível na materialidade da praça que não há uma previsão para estes usos como a pesca, visto que ocorrem nas bordas, em canteiros com vegetação à beira da baía que não foram pensados para abrigar nenhum uso. A pesca é um tipo de apropriação que não tem um lugar próprio (DE CERTEAU, M. 2014. P. 95) e também por isto pode ser reconhecida como uma tática. “Elas [as táticas] desenham astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem” (DE CERTEAU, M. 2014. p.45). Segundo De Certeau, as táticas jogam com o terreno que lhes é imposto, tendo por lugar o lugar do outro. Tal fenômeno é observável em relação a estas práticas outras que não as do turismo na praça em questão. Analogamente, não há no projeto uma pista de skate, um lugar próprio para este fim, mas o chão liso e a escadaria da estátua do Barão de Mauá dão suporte para este outro tipo de apropriação não prevista.



Imagem 1. Atividade de pesca nas bordas do Píer Mauá. Elaboração da Autora. Jun. 2017.



Enquanto a pesca acontece em uma zona mais oculta da Praça Mauá, na ponta do píer, na parte mais exposta da praça bem em frente à entrada do museu do amanhã há também práticas de mergulhos, feitas em geral por rapazes jovens de 15 a 30 anos de idade durante seus intervalos de trabalho na semana, e nos fins de semana quando a região abriga uma ambiência mais praiana, com famílias inteiras pescando em cadeiras de praia, bebendo, deixando as crianças correrem livres.

Por (r)existirem, essas apropriações e sobretudo a pesca e o mergulho são elos para acessar uma outra história do lugar, evocada no memorial do projeto, que relembra o Píer Mauá como porto de escravos e associa o museu do amanhã a um grande navio (OLIVEIRA, 2015, p. 2), mas que, entretanto, na forma construída do lugar não prevê ou formaliza esses usos e não faz referência explícita à vivência desta memória na região da Praça. Muito embora o foco das atividades relacionadas à escravidão tenha sido o eixo do cais do valongo, a praça em questão marca a conexão desta região com o resto do centro da cidade, ao final da Av. Rio Branco, e para quem não conhece o lugar é difícil compreender a ligação entre a praça mauá e o cais do valongo, dada a ausência de sinalizações que poderiam ser feitas inclusive na materialidade do projeto.

No entanto é importante compreender que de todo modo se abriu um espaço público de convivência com a nova reforma, espaço esse inexistente por 3 décadas, visto que anteriormente o tecido urbano se encontrava fragmentado por uma perimetral elevada, construída nos anos 70, e sob a qual funcionava um ponto de terminal de transportes. A vista da baía de Guanabara não estava aberta, assim como se estabelecia ali um caráter mais de passagem do que de lugar de estar e fruição. Só a mudança de integração na malha urbana já favorece usos de permanência do lugar e uma outra relação com a paisagem da baía, que deveria existir antes da obra da perimetral.



Imagem 2 – Mapeamento de usos da Praça Mauá. Elaboração da Autora, 2017.

Nesse sentido, embora o amplo espaço aberto permita a chegada até a linha d'água e tenha se configurado como espaço público de maior respiro dentre a malha urbana da região da saúde, ainda é possível perceber certo descompasso entre a conformação espacial do projeto e diversidade de práticas. Estas percepções evocam o questionamento sobre o quanto há disposição em níveis políticos, sociais e individuais para ocultar o que fomos e somos em nome da imagem do que queremos ser. Em que medida há lucro social quando se investe na criação de lugares de memória em vez de abrir espaços que permitam o florescimento e intensifiquem práticas de memórias vivenciadas?

2. O caráter do lugar ao longo de seu tempo

Afim de comparar o que é observável na Praça Mauá de hoje, que se poderia caracterizar como palimpsesto de usos, memórias e camadas populacionais, um híbrido entre lugar do estrangeiro e lugar do habitante, fizemos um estudo sobre o caráter do lugar anteriormente através de pesquisas no acervo do Iphan-RJ. Duas referências foram estruturantes nesta pesquisa, a referência ao mosteiro de São Bento, situado no Morro de São Bento no entorno imediato da Praça Mauá, e a referência ao largo da prainha, antigo nome da praça até 1906 e que englobava a região do trapiche Mauá até a imediação do atual Largo de São Francisco da prainha, próximo à pedra do sal.



A origem de ocupação do entorno da Praça Mauá se deu com uma reorganização das funções desempenhadas na Praça XV (antigo cais Pharoux), que abrigava o centro administrativo da cidade e era simultaneamente também o principal ponto de desembarcadouro de cargas e de escravos. Com o estabelecimento do Rio de Janeiro como sede da coroa portuguesa, em finais do século XVII e chegada da família real em 1808, se considerou adequado migrar as funções portuárias e o tráfico para uma zona menos evidente, uma parte da baía com pouco uso, e assim se estabeleceu a costa do Valongo (que compreendia o largo da prainha) como principal receptor destes fluxos. A atual Praça Mauá em seu início era então onde “acontecia o comércio interno da baía de Guanabara, de alimentos e animais” (Jornal o Globo, 1990, p.43). O fluxo de populações negras escravizadas se dava no cais do Valongo, com circulação de 1 milhão de africanos durante o século XVIII e deu suporte financeiro para que a região se estabelecesse como porto mesmo depois de decretado o fim da escravidão. Com a chegada da imperatriz Teresa Cristina o cais do Valongo foi soterrado para a construção do cais da Imperatriz. Nesta época, “a prainha, propriamente dita era uma nesga de mar entre o arsenal da marinha e os trapiches com pontões de madeira avançando pelo mar afora, ao longo da saúde.” (DUNLOP, J.C. 1955, p.45)

“Os escravos foram esquecidos e mais que isso foram deliberadamente apagados ao ser colocados sobre o cais do Valongo o cais da imperatriz num processo de superposição e de oposição fortemente simbólicos. Porque sobre a escória humana trazida da África foi colocada uma princesa europeia, uma princesa Bourbon, princesa das duas Sicílias, ela pisando sobre os negros” (Entrevista de Tânia Andrade Lima, arquelóloga do museu nacional do RJ. Discurso silencioso, 2012)



Imagem 3. Mapa do centro do rio e pequena África em 1820. Fonte: HAAG, C. 2011.

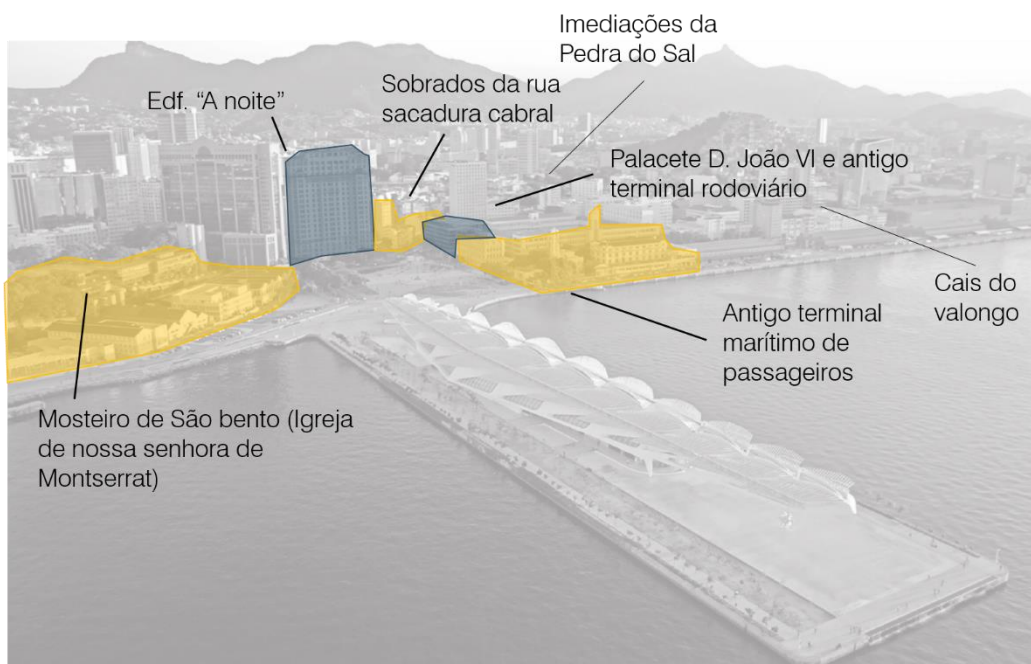


Imagem 4. Contextualização do entorno da Praça Mauá. Elaboração da Autora. 2017.

Posteriormente, no largo da prainha foi inaugurado pelo Barão de Mauá o primeiro embarcadouro com barcas que conduziam a Petrópolis, caminho anteriormente apenas feito por terra. E em 1904 foi iniciado um projeto para a construção de um porto na localidade, dado o crescimento do comércio exterior e o intenso fluxo de embarcações, que não tinham atracadouro. Logo depois da conclusão do porto em 1906, foi construído o Edf. A Noite, o primeiro arranha-céu da América Latina (JB, 18-05-87) e que posteriormente em 1937 abrigou a sede da rádio nacional. Essa época foi considerada como a fase áurea da praça, com intenso fluxo de estrangeiros e uma vida noturna bem movimentada, onde já se tinha notícia de funcionamento de bares, casas noturnas, prostituição, casas de jogos, etc. O turismo marítimo perdurou até os anos 60, quando começou a entrar em crise e desencadeou um processo de degradação da localidade que foi aprofundado com a construção da perimetral elevada na década de 70.

A partir desse marco de degradação da praça pelo menos desde 1988 havia intenções por parte do poder público e debates na mídia acerca da revitalização do lugar, com propostas sempre girando em torno de criar uma zona comercial, com um grande centro de comércio internacional, ou uma zona cultural (Folha de SP, coluna cidades. 13/10/1988). A ideia de reconstruir a Mauá para uma vitrine ou pórtico da cidade já se desenhava desde os anos 80 em diversos jornais, fundada em lembranças do que tinha sido o local na época de Pereira Passos e posteriormente durante a fase da Rádio Nacional.



“Embora situado no alto do morro de São Bento o mosteiro fica escondido atrás de inúmeros **pardieiros** da praça Mauá e ruas adjacentes, que tiram toda a estética da praça, **considerada o pórtico** do Rio e do Brasil” (Jornal o Globo, 13-03-1990)

O discurso pejorativo em torno das atividades de margem da praça Mauá, como a prostituição, era frequentemente encontrado em diversas reportagens dos anos 80 e 90, e as referências de usos documentadas desses lugares sempre se referem aos malandros, prostitutas, ambulantes, construindo paulatinamente uma ideia de zona de bandidagem, contrabando, mas com potencial e já tendo vivido uma época aurea que merecia resgate. Resgate esse que foi iniciado na reforma de 1990, com a construção do Edifício empresarial RB1 da João FORTES Engenharia, e que começou a imprimir o desenho de um centro de negócios na região (Revista Domingo, Jornal do Brasil, 1988; Jornal o Globo, 1990; IPHAN. Série inventário, tomo 1).

3. Conclusões

A pesquisa documental demonstra que desde suas origens a Praça Mauá e seu entorno estão marcados por um conflito entre o estabelecimento como zona de margem e de vitrine, sendo em seu início zona de serviço, abastecimento, fluxo de escravos e desde a chegada da imperatriz Teresa Cristina em 1843, zona marcada pelo desejo de ser pórtico, vitrine; Lugar de duas formas de lidar com a chegada do estrangeiro: Ora através da escravidão, e do estrangeiro rechaçado ora através do turismo marítimo, do estrangeiro desejado; Lugar de projeção de uma imagem de cidade ideal e de confronto com a cidade oprimida que a despeito das restrições sofridas encontrou e encontra meios de enraizar-se, tendo criado o samba na pedra do sal, as festividades, e que hoje continua a se fazer ver através de uma presença sutil dentre as estruturas grandiosas de um portão de chegada que se propõe a pensar o amanhã ao final de uma rota ou caminho da pequena África, mas que entretanto assume a ligação à esta história ainda de uma forma pouco explícita.

Se hoje a Praça foi tomada como lugar para reconstruir essa imagem de futuro, e se ainda apresenta essa convivência com usos outros, esse palimpsesto de camadas e de relações com o estrangeiro, pôde-se perceber que ao longo de sua história sempre foi palco onde se desenvolveu o conflito entre a projeção do futuro e as máculas do passado e do presente. O uso turístico não é portanto estranho ao lugar, ao contrário, nele está presente desde que a atividade escravagista possibilitou uma maior estruturação da área como porto.

O que não se pode comprovar ou detectar na análise documental entretanto foi o registro sobre usos relacionados à pesca e aos mergulhos, a utilização da prainha como local de lazer, afim de compreender se de fato essas atividades são resquícios

de uma memória em ação dos grupos que ali permanecem ou se são atividades novas. Como os documentos não mostram tais registros, para comprovar essa relação poderia ser feito um estudo de entrevistas posteriormente com os praticantes destas apropriações para identificar a duração delas. Seria possível que, mesmo com todas as suas contradições, a reforma do porto novo tenha aberto um espaço a usos de cotidiano? Embora tenha-se evidenciado que a construção da imagem do lugar como foi feita na reforma do porto novo se alinha à construção imagética desde as reformas do cais da imperatriz, e que o caráter do lugar atualmente encontra aproximações com o palimpsesto de camadas populacionais que sempre teve, a questão que continua em aberto para ser explorada em estudos futuros é se a reforma fortaleceu ou enfraqueceu as apropriações cotidianas, e quais aspectos possibilitam que estes usos ainda existam.

Referências

ARANTES, Pedro Fiori. **O grau zero da arquitetura na era financeira**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 80, p. 175-195, Mar. 2008 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3002008000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de agosto de 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000100012>.

AUGÉ, Marc, **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papyrus, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAUDRILLARD, J. **Simulacra and Simulations**. Michigan: Michigan University Press. 1995. Trad. Sheilla Faria Glaiser.

CÂNONICO, M.A. Em seu 1º ano, Museu do Amanhã se torna o mais visitado do país. **Folha de São Paulo**, 31 de janeiro de 2017. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1854076-em-seu-1-ano-museu-do-amanha-se-torna-o-mais-visitado-do-pais.shtml>> Acesso em 13/08/2017.

CARVALHO, Ramon; DO AMARAL, Luis Cesar Peruci. Arquitetura de Grife—Um Debate sobre Projetos Contemporâneos na Cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 11, n. 1, p. 20, 2012.

CHAGAS, M. S. **Memória e Poder: Dois movimentos**. in: Cadernos de sociomuseologia, v. 19, nº 19 - Museu e políticas de memória. Pp. 35-67. UHLT, Lisboa, 2002.



DAS CHAGAS, Márcio Marreiro. **Imagem de destinos turísticos**: Uma discussão teórica da literatura especializada. Turismo-Visão e Ação, v. 10, n. 3, p. 435-455, 2008.

Discurso silencioso. Documentário em vídeo. FAPESP, 2012. Disponível em <https://youtu.be/RQK_8pn0U3E> Último acesso em novembro de 2017.

DUARTE, Cristiane. "Moldagem do lugar; remoldagem do olhar." **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro. FAPERJ (2013).

DUARTE, C. R. S.; UGLIONE, Paula . **Traumas Urbanos ? Memória, Futuro e Acontecimentos na Cidade**. In: 54 IFHP Word Congress 2010. Building Communities for the Cities of the Future, 2010, Porto Alegre. Anais do 54 IFHP Word Congress 2010 ? Building Communities for the Cities of the Future. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

DUARTE, Eduardo. Desejo de cidade—múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas**. Org. Angela Prhyston. Porto Alegre: Sulina, p. 100-114, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Studio Nobel, 1995.

HAAG, C. Ossos que falam. **Revista pesquisa Fapesp**. Dezembro de 2011. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/12/24/ossos-que-falam/>> Último acesso em 10/12/2017.

HUYSEN, Andreas. **Present Pasts, Urban Palimpsests and the Politics of Memory**. 2003.

_____. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Aeroplano, 2004.

LEAL, Sérgio. A relevância da imagem para o processo de escolha de destinações. Revista eletrônica de turismo, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2002.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo** - viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Houry. Projeto história, v. 10, n. 1, p. 7-28. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Museu do amanhã** - 1. ed. Edições de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/livro/>> Acesso em 6 de agosto de 2017.



PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane. Esquecimento e reconstrução-Memória e experiência na arquitetura da cidade. *Arquiteturarevista*, v. 4, n. 1, 2008.

PINHEIRO, E. Noções de tempo e espaço na cidade contemporânea. In: **Anais do I ENANPARQ**, Rio de Janeiro: 2010b.

REZENDE, C. Dinheiro em obra de favela foi para o museu do amanhã. **O Estado de São Paulo**, 26 de abril de 2017. Disponível em <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,dinheiro-de-obra-em-favela-foi-para-museu-do-amanha,70001752056>> ultimo acesso em 13/08/2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Coleção Milton Santos;1)

_____. **Da totalidade ao lugar**. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens do século XXI: Notas sobre a mudança social e o espaço urbano** in: *O espaço da diferença*. Org: ARANTES, Antonio. Editora Papirus. Campinas: 2000.